

O BANCO DO WALTINHO

Estamos todos felizes com o merecido Oscar ao filme brasileiro “Ainda estamos aqui”, dirigido por Walter Salles Filho, herdeiro do banqueiro Walter Moreira Salles, cujo banco “Moreira Salles”, depois “Unibanco”, foi fundido ao Itaú. Logo que retornei a Franca em 1974, recém-formado em arquitetura, passei a acompanhar a imprensa e a política local. Uma grande transformação urbana estava ocorrendo por conta da expansão da indústria calçadista. Os empregos em massa atraíam migrantes para os bairros populares que pipocavam aos magotes por todos os cantos, com escassa infraestrutura. De outro, a modernização chegava ao centro histórico, o entorno da Praça Nossa Senhora da Conceição, a principal da cidade, rodeada de antigos casarões da primeira metade do século XX e da riqueza cafeeira começaram a ser destruídos pelos donos do dinheiro mais grosso: o sistema financeiro. Não só em Franca, os bancos demoliam casarões antigos para instalar suas novas agências. A política econômica da ditadura militar e o chamado “milagre econômico”, que se revelou desastroso poucos anos depois, faziam sua parte na concentração de renda e na consolidação do modelo de exclusão vigente.

Mas eu não sabia de nada disso por conta de vários fatores, dentre eles a censura e ignorância mesmo. Iniciando a carreira profissional, tinha preocupação em projetar obras com características contemporâneas, ultrapassando aquelas arquiteturas que imitavam o passado e não me preocupava muito com as demolições, coisa que rapidamente mudou quando entendi a dimensão da destruição. Tornei-me um militante da preservação histórica a partir da luta em defesa do Hotel Francano, atitude que levei adiante vida afora.

Na época, quando ainda nem escrevia para a imprensa local, um jornalista (Paulo “Momento” Gonçalves) que mantinha uma coluna no extinto jornal “Comércio da Franca” expôs críticas e a defesa à nova agência do Banco Itaú na cidade que estava sendo construída na praça Nossa Senhora da Conceição em terreno onde antes havia um casarão (não confundam com a agência atual, erguida onde havia o Hotel Francano). O que animava a discussão, no entanto, não era a destruição da arquitetura antiga, era o fato de ser uma construção térrea. O protesto contra a obra, de aspecto francamente modernista, um galpão térreo sem pilares com vão totalmente livre, linhas retas em concreto, chegou à Câmara Municipal. Para certa elite política, a modernidade da cidade seria representada pela verticalização, considerando absurda a ideia de ter uma construção térrea nova no lugar mais valorizado da cidade.

O fato é que, mexendo em meus guardados, encontrei um recorte com a publicação da carta que enviei ao jornalista rebatendo os argumentos contrários ao projeto e o Wanderlei do Arquivo Histórico achou até uma foto do banco. Mais engraçado ainda, um vereador chegou a propor uma lei que tornava obrigatório que qualquer construção na praça tivesse no mínimo dez pavimentos. O bate boca logo cessou, pois chegaram as eleições, o prefeito mudou e não se tocou mais nesse assunto, logo substituído pelas manchetes contra o tombamento do Hotel Francano, que acabaria também demolido e substituído por outra e enorme agência do mesmo Banco Itaú.

Por incrível que pareça, o prédio do Itaú na praça N. S. da Conceição foi demolido poucos anos depois e deu lugar ao atual estacionamento do Bradesco. Dizem os crentes que Deus escreve certo por linhas tortas. Não fosse isso, o lugar poderia ter recebido um edifício de dez ou mais pavimentos, o que criaria uma sombra sobre o Relógio do Sol que o apagaria para sempre. Falta agora convencer Waltinho e seu irmão a devolverem à cidade o prédio do Itaú e instalar ali um novo museu, já que os antigos estão desabando. Imagino que não fará falta a sua fortuna. Só não pode ser um museu do “Oscar”, pois esse sujeito não gosta da cidade e do nosso basquete, pra quem sempre perdia.

Mauro Ferreira é arquiteto